

GIAMBATTISTA VICO: A FILOSOFIA E O CONTEXTO DA NÁPOLES DO SETECENTISMO

GIAMBATTISTA VICO: THE PHILOSOPHY AND THE NAPLES CONTEXT IN THE EIGHTEENTH CENTURY

Marcelo Lopes Rosa¹

Resumo: O principal objetivo desse texto é apresentar um quadro geral da relação da filosofia de Giambattista Vico com a Nápoles do período do século XVIII. Os principais tópicos em discussão tratam da relação de Vico com o renascimento, com o barroco, com as principais mudanças das concepções científicas e as academias napolitanas, com a Igreja e com o agitado ambiente político. Para esse estudo, foram consideradas as suas primeiras obras, *De ratione* e *De antiquissima*, sua autobiografia e sua obra principal, a *Scienza nuova*. Apoiados nos principais estudiosos e comentadores de Vico, pretendeu-se elaborar um panorama do contexto em que ele estava inserido e buscou-se interpretar como isso participou de sua teoria filosófica.

Palavras-chave: Filosofia Vichiana. Filosofia Moderna. Humanismo.

Abstract: The main objective of this text is introduce an overview of the relationship between Giambattista Vico's philosophy and Naples in the 18th century. The main topics under discussion deal with Vico's relationship with the Renaissance, with the Baroque, with the main changes in scientific conceptions and Neapolitan academies, with the Church and with the agitated political environment. Have been considered for this study his first works, *De ratione* and *De antiquissima*, his autobiography and his main work, *Scienza nuova*. Supported by the main Vico's researchers and commentators, it was intended to elaborate an overview of the context in which he was inserted and sought to interpret how this participated in his philosophical theory.

Keywords: Vichian philosophy. Modern philosophy. Humanism.

1. Introdução

Para compreender melhor o pensamento de Vico e estudar o seu conceito de ciência nas primeiras obras, foi produzida uma pesquisa sobre o contexto intelectual, religioso e político em que ele esteve situado. Pereira Filho (2012, p. 188; 199) alerta que a obra de Vico se faz no tempo e dialoga com ele e, além disso, quando Vico escreve a primeira frase de sua *Autobiografia* (VICO, 1998-B) ele se apresenta todo imerso na Nápoles do século XVIII. Portanto, um breve panorama de seu contexto pode contribuir para ilustrar melhor sua teoria filosófica.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Professor de Filosofia do Instituto Federal do Paraná. E-mail: marcelo.rosa@ifpr.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4142-2720>.

A partir de suas primeiras obras², da *Ciência nova* (VICO, 2005) e da *Vita*³ (VICO, 1998-B), com apoio em seus diversos pesquisadores e comentadores, traçamos aspectos gerais das relações de Vico com o renascimento, com o barroco, com as mudanças nos paradigmas científicos em curso e as academias napolitanas, com a conflitante e complexa relação com a Igreja, além dos diferentes atores políticos que disputaram e dominaram a Nápoles em que ele viveu. Se o pensamento de Vico se tem apresentado complexo até os dias atuais, isso se deu muito provavelmente porque em seu contexto conflitavam várias tendências de cultura, de ciência, de religião e da política, sendo algumas vezes violento, perigoso e que lhe tornou em uma pessoa muito cautelosa. A caracterização do contexto relacionado à sua teoria é importante porque Vico apresenta o homem enquanto um ser histórico que se constrói e se determina em suas relações com o mundo. Desse modo, o principal objetivo desse texto é apresentar Vico e a relação com o seu tempo.

2. Vico professor e intelectual

Giambattista Vico (1668-1744), professor universitário e particular, viveu uma vida modesta e com uma família numerosa. Filho de uma família pobre, ele “era um membro da plebe que dela se separou unicamente alcançando uma educação e convertendo-se em um profissional ou assalariado civil” (PINTON, 1997, p. 126). Ele dedica a maior parte de sua vida ao ensino, desde seus 18 anos de idade, quando se torna preletor em Vatolla, em 1686, até seus 73 anos, em 1742, quando deixou definitivamente sua vida acadêmica, depois de 43 anos de docência no magistério superior, e dedica-se a terminar a terceira edição de sua principal obra filosófica, a *Ciência nova*. As aulas particulares que ministrava serviam-lhe como complemento para a sua renda familiar.

Vários críticos especializados trataram Vico como alguém que nasceu antes de seu tempo⁴. No entanto, é preciso situar Vico como homem de seu tempo, que se construiu nele e que acompanhava as principais discussões acadêmicas⁵. Vico foi um intelectual

² A obra de 1709 será mencionada como *De ratione* (VICO, 1998-A) e a obra de 1710 como *De antiquissima* (VICO, 1999-2000).

³ Obra de autobiografia que daqui em diante será referida apenas como *Vita*.

⁴ Guido (2004, p. 12) apresenta esse tratamento que foi dado ao pensamento de Vico e atualiza que as principais interpretações de hoje em dia são mais realistas e conseguem percebê-lo situado em seu tempo. Peter Burke, 1997, dedica o seu primeiro capítulo, de título “O mito de Vico”, p. 13-21, e o quarto capítulo, “Vico e a posteridade”, p. 99-105, em que expõe a discussão em torno das imagens que foram criadas sobre a teoria de Vico por Michelet, Marx, Croce, James Joyce, Collingwood e Berlin.

⁵ Santos (2012, p. 157-178) elaborou um estudo sobre as leituras que Rossi e Badaloni capitalizaram sobre o lugar de Vico na modernidade, avaliando se Vico estaria atento ou não às questões que envolveriam a ciência sobre a natureza. Envolvendo uma lista de outros autores, ele identifica uma polarização que ora

que participou de vários salões literários e academias, teve uma vida universitária ativa, era conhecido e requisitado para orações fúnebres, discursos laudatórios de nobres, recepções de autoridades religiosas, entre vários outros trabalhos que lhe eram encomendados pelas autoridades de seu tempo.

Seguindo uma perspectiva mais realista, Pinton realizou um estudo e um relato detalhado da Nápoles física do período entre 1688 e 1744 pois, segundo ele, “me parece que quase a totalidade dos estudiosos de Vico abordaram-no como se fosse uma peça de museu” (PINTON, 1997, p. 116). Ele indica que Vico afirmava que a cronologia e a geografia eram os olhos da história e que, portanto, conhecer essa Nápoles física permitiria compreender melhor a sua obra e o seu pensamento. Com base em tal estudo, Pinton sustenta que “Vico foi uma figura pública em seu próprio mundo, bem conhecido, popular entre as classes sociais, que foram objeto de seu interesse como jurista, como professor de retórica e como filósofo” (PINTON, 1997, p. 115). Além disso, ele afirma que “Vico era certamente bem conhecido por toda a cidade de Nápoles e querido pela maior parte dela” (PINTON, 1997, p. 132), quando faz um balanço de todas as academias que ele participou.

Em outra perspectiva, Isaiah Berlin considerou positivamente que as contribuições intelectuais que Vico produziu foram “assombrosas”, embora ele não tenha recebido o mesmo reconhecimento que outros autores, como Descartes, Leibniz, Locke, Berkeley ou Hume. Possivelmente, isso se tenha dado por conta de sua “obscuridade e da natureza caótica de sua obra”. Para ele, Vico:

Propôs ideias audaciosas e importantes sobre a natureza do homem e a sociedade humana; atacou as noções vigentes sobre a natureza do conhecimento, da qual revelou, ou, pelo menos, identificou, uma variedade fundamental que até então não havia sido discutida; descobriu virtualmente a ideia de cultura; sua teoria sobre matemática teve que aguardar até o nosso século para que se reconhecesse como revolucionária; antecipou a estética dos românticos e historiadores e quase chegou a transformá-la; criou virtualmente a antropologia e a filologia comparadas e inaugurou a nova aproximação entre a história e as ciências sociais que ela supôs; suas noções de linguagem, mito, direito, simbolismo e a relação do social com a evolução cultural comportam intuições de gênio; foi o primeiro a enfatizar a celebrada distinção entre ciências naturais e humanidades que tenha sido crucial desde então. Entretanto, [...] tem-se mantido fora da tradição central. (BERLIN, 1998, p. 12).

classificam-no como ortodoxo, preso ao século XVII e que não compreenderia a teoria galileana, ora como heterodoxo, participativo das discussões do século XVIII e consciente dessas teorias.

O período de vida e produção intelectual de Vico compreende a Nápoles do final do século XVII até próximo da metade do século XVIII, na qual fervilhavam estudos sobre obras e teorias acerca de assuntos como metafísica, ciência e política naqueles vários salões literários e academias que participava⁶. Ele está inserido em um período de intensos debates e acontecimentos que vinham reverberando desde alguns séculos entre os intelectuais europeus e que ainda se estenderam por mais algum tempo depois. Entre outras coisas, Vico assimila o platonismo do renascimento; avalia as discussões acerca de Deus; pontua as principais discussões sobre a definição do que seria considerado ciência, em meio ao processo de intensificação de autoridade da Igreja e de disputa política da nobreza espanhola, francesa e austríaca (SANTOS, 2012, p. 159). Ainda hoje, as considerações sobre as relações entre Vico, o renascimento e o barroco são bastante controversas entre os seus estudiosos.

3. Vico e o renascimento

Parte da obra de Vico dialoga com os autores do renascimento. De acordo com Peter Burke, a

[...] rejeição [de Vico] da Idade Média, sua preocupação com a antiguidade clássica e o papel exemplar que esta desempenhava para ele, tudo isto sugere que Vico era, no fundo, um humanista renascentista, sugestão esta confirmada por suas frequentes e favoráveis referências a outros humanistas, de Petrarca a Lúpsio. Era sem dúvida um humanista tardio, um dos últimos da raça, cômico da Revolução Científica do século XVII e marcado pelas ideias de Descartes, ainda que as rejeitasse e as refutasse (BURKE, 1997, p. 84-85, acréscimo nosso).

Considerando que o Renascimento filosófico tenha sua origem na península itálica (MARÍAS, 2004, p. 205-206), há uma característica de oposição à tradição escolástica e uma tendência de retorno ao platonismo e neoplatonismo. Essa tendência é percebida entre os humanistas, os pensadores da Academia Platônica de Florença, de 1440, e também na Academia Romana, de Lorenzo Valla a Luis Vives. Tal oposição não levava em conta as influências do próprio platonismo e neoplatonismo sobre a filosofia

⁶ “Nas academias, no início do século XVIII, reuniam-se os ‘doutos’ para discutir – principalmente – sobre filosofia cartesiana (que afrontava o problema da relação entre fé e razão) e sobre literatura, sem descuidar de temas de história e direito, contribuindo na criação de um grupo de intelectuais.” (SCANDELLARI, 2008, p. 101)

escolástica, nem mesmo as contribuições aristotélicas para tal pensamento. Os pensadores renascentistas aproximam-se ainda da filosofia estoica, de sua ataraxia e da busca de viver segundo a natureza. Cícero e Quintiliano são citados como grandes filósofos e são equiparados a Platão. Adotam uma imagem dos antigos superficial e falsa, de acordo com Mariás (2004, p. 206). Na *De ratione*, Vico deixa bastante clara a sua preferência de aproximar-se do modelo retórico e humanista de Cícero e sua intenção de se afastar do modelo lógico da escola de Port-Royal de Arnauld (VICO, 1998-A, p. 409).

Durante o século XV, surgem humanistas importantes na Academia Platônica, como o cardeal Bessarion, Marsílio Ficino, Pico della Mirandola, entre outros. Hermolao Bárbaro e Pietro Pomponazzi buscaram estabelecer uma nova interpretação do aristotelismo distanciando-se da tradição escolástica. Campanella escreve uma utopia política, a obra *Civitas Solis*, inspirada na *República* de Platão. Maquiavel escreve o *Príncipe*, em que o Estado não se subordina a nenhuma instância superior, seja ela moral ou religiosa. Entre Leonardo da Vinci e Bernardino Telesio surgiria uma tendência naturalista que se configuraria como modelo de ciência natural em Galileu Galilei (MARÍAS, 2004, p. 203-207).

Segundo Vico (1998-B, p. 85), seu contato com o estudo do platonismo iniciou-se com o Padre jesuíta Giuseppe Ricci (1650-1713), professor de filosofia e teologia no Colégio de Nápoles⁷. A presença de Ricci na vida de Vico surge em oposição ao nominalismo proposto por Balzo, quando lhe permite compreender maior realidade nas substâncias abstratas do que nos modos do nominalismo (VICO, 1998-B, p. 85-86). Nesse momento, Vico abandona a escola pela segunda vez. Ele entra em contato com a obra *Disputationes metaphysicae* de Francisco Suárez (1548-1617), publicada em Salamanca, 1597, e que, entre os séculos XVII e XVIII serviu de texto base para várias universidades europeias. Suárez foi um jesuíta espanhol, tendo sido um grande representante da escolástica do século XVI, após Ockham. Ele estabeleceu uma sistematização de metafísica e de filosofia jurídica e política, sendo ainda hoje estudado como referência nos estudos quanto ao direito internacional. Propôs uma separação entre a metafísica e a teologia e elaborou uma construção sistemática da filosofia primeira, com base em Aristóteles, mas com suficiente independência dele (MARÍAS, 2004, p. 223). Suárez exerceu influências em Descartes, Leibniz, Grócio, Espinosa e Heidegger. Alguns autores consideram-no como um integrante do humanismo.

⁷ Isso ocorreu provavelmente em torno de 1683, quando tinha 15 anos de idade (GARCÍA, BISBAL, 1998, p. 56).

Em sua *Vita*, Vico destaca quando abandona os estudos de Suárez para dedicar-se mais ao platonismo. Ele considera que os estudos de Aristóteles, a partir de Suárez, conduziam a um princípio físico em que Deus seria um oleiro que trabalharia as coisas fora de si mesmo. De outra forma, Platão, por meio da Ideia eterna, “conduziria a um princípio metafísico em que Deus saca de si e cria a matéria, como um espírito seminal, que ele mesmo forma” (VICO, 1998-B, p. 94)⁸. A compreensão de que haveria um direito ideal eterno, com o desenho da Providência, fundamentou-se no ideal de república embasado em Platão e, posteriormente, sofreu as influências da teoria de Hugo Grócio.

As referências ao estudo de Dante também são descritos na *Vita*, embora alguns historiadores não o situem no período renascentista. Dante torna-se objeto de leitura e estudo em Vatolla, junto a Petrarca e Bocaccio (VICO, 1998-B, p. 93). Em “Carta” a Gerardo Degli Angioli, em dezembro de 1726, Vico escreve sobre a índole da verdadeira poesia com comentários sobre Dante⁹ (BADALONI, 2008, p. 126).

Além de uma retomada do platonismo e das repercussões do renascimento, o tempo de Vico ainda é rico nas discussões sobre Deus. Segundo Marías, o papel de Deus, na filosofia europeia do século XVII, “deixa de ser o *horizonte* sempre visível para se transformar no *solo intelectual* da mente europeia do século XVII” (MARIÁS, 2004, p. 268. Grifos do autor). A filosofia moderna não abandona as discussões sobre Deus, mas antes lhe dá um novo significado e ainda o mantém enquanto parte das teorias. Nos textos de Galileu, Bacon, Descartes, Leibniz, Newton, entre outros, pode-se encontrar o conceito de Deus nas teorias.

Em sua obra principal, *Ciência nova*, Vico elege, enquanto parte fundamental de sua teoria de história ideal eterna, a *Providência*. Na *De antiquissima*, em seu livro

⁸ A relação entre produzir as coisas *ad intra* e *ad extra* foram exploradas no primeiro capítulo, seções I e II, da obra *De antiquissima*. Essas relações vão caracterizar a diferença entre a ciência dos homens e a divina, para Vico. Os atributos *ad intra* das coisas relaciona-se com a ciência e a vontade que são aspectos da eternidade. Já os *ad extra* referem-se a criação, conservação e providência que englobam a potência divina e se manifestam na temporalidade. Somente Deus seria capaz de reunir os aspectos interiores e exteriores da criação. A ciência humana seria uma imitação da ciência divina tentando compreender esses dois atributos. “[...] a ciência humana é imitadora da divina, pela qual Deus, enquanto conhece o verdadeiro, o cria desde a eternidade a partir de *dentro* e o faz desde *fora* no tempo” (VICO, 1999-2000, p. 450). Deus reuniria os aspectos interiores e exteriores da criação, os eternos e os mutáveis.

⁹ Na tradução de Silva Neto (2016, p. 178-192) são apresentados dois textos de Vico: *Sobre Gherardo Angioli*; *Sobre a índole poética de Dante*. Silva Neto Faz uma introdução detalhada sobre o papel de Dante, Homero e do jovem Gherardo. Homero estava situado em uma sociedade de uma barbárie poética em seu princípio. Dante é situado em um período de barbárie decadente, divididos entre guelfos e gibelinos, na qual Florença se transforma de uma cidade em uma selva perigosa. Gherardo é um jovem contemporâneo à Vico, que mesmo vivendo em um período de paz e tranquilidade, consegue mergulhar na barbárie da poesia e escrever de forma sublime.

*Metafísico*¹⁰, há o estabelecimento da ciência divina e da ciência humana. Em Vico, Deus não é acidental, mas essencial à sua teoria. Na obra *Ciência Nova*, embora a superstição dos primeiros homens sobre Deus seja um engano, por cultuar o raio como divindade e não o “Deus verdadeiro”, a Providência age na história humana e a preserva da destruição que esta poderia causar a si mesma, sendo a religiosidade uma das causas dessa conservação. Os próprios ciclos históricos da humanidade têm relação com a Providência. Essa concepção da história ideal eterna, que teve como fundamento os estudos sobre Grócio, assume uma nova forma com a inserção da Providência e da história do povo judaico na teoria de Vico, desde o dilúvio (BADALONI, 2008, p. 3). Além de suas interlocuções com o renascimento, Vico também se aproximou do barroco.

4. Vico e o barroco

Vários autores apresentaram a relação entre Vico e o barroco baseados na análise da forma como ele reescreveu as edições da *Ciência Nova* de 1730 e de 1744. Vico teria reelaborado sua obra principal adequando-se ao estilo barroco¹¹. A partir desses juízos, Nuzzo (2009-2010) fez um estudo sobre a relação entre a escrita de Vico e sua relação com essa cultura. Em seu artigo, ele abordou o conceito “linguístico” do barroco em seus aspectos “exteriores”, “engenhosos”, com suas formas “estilísticas” e seu alcance retórico. Em sua investigação sobre o “barroco na filosofia” de Bruno e de Vico, avaliou as formas linguísticas do embelezamento, da capacidade persuasiva e das intervenções dos vazios provocados pela *inopia linguae*. Nuzzo desconsiderou a possibilidade de que o barroco esteja desvinculado a um período determinado, como experiência “meta-histórica”, mas antes adotou a perspectiva de que sua condição é historicamente determinada. Ele identificou que são muitos os autores que localizam Vico na “cultura barroca”, enquanto outros chegam a tê-lo como último barroco, superando-o (NUZZO, 2009-2010, p. 53-54).

Vico teria uma relação inegável com o barroco, conforme aponta Nuzzo. No entanto, a compreensão de seus estudiosos sobre a relação entre Vico e a “cultura barroca”

¹⁰ No projeto inicial de Vico, a sua obra *De antiquissima* seria composta por três livros: *Metafísico*; *Físico e Moral*. No entanto, Vico publicou apenas o primeiro livro: *Metafísico*, dedicado a Paolo Matia Doria, (VICO, 1998-B, p. 132). Dessa forma, sempre quando se faz referência ao *De antiquissima* está sendo apresentado apenas o livro primeiro ou *Metafísico*. Lomonaco (2018) produziu um texto que apresenta as mudanças na teoria de Vico que conduziram-no a abandonar o projeto inicial de sua obra e sobre os possíveis motivos que levaram-no a abandonar os outros dois livros. Cf. também Silva Neto (2012).

¹¹ “A *Ciência Nova* é um texto tipicamente barroco” (GUIDO, 2004, p. 13).

foi organizada em duas vertentes principais. Uma primeira posição é relativa aos seguidores de Croce, que o julgaram como “um solitário em seu próprio tempo”. Nessa perspectiva, o uso de imagens feita por Vico em seu texto superava os aspectos abusivos do barroco e dariam relevo para o seu próprio pensamento (NUZZO, 2009-2010, p. 54). Já em uma segunda linha de investigação mais recente, Vico é considerado como pertencente à cultura barroca. Essa vertente associa Vico à tradição retórica clássica humanista do *Seiscentos* sem grandes discontinuidades. Autores como Grassi, Verene, Paolo Rossi, Battistini, etc. estariam mais próximos dessa linha (NUZZO, 2009-2010, p. 54; e nota 11, p. 63).

Mesmo que Nuzzo não negue as influências do barroco sobre Vico, ele nota também que alguns aspectos de sua teoria lhe distanciam de tal “cultura”. Existiriam algumas dívidas temáticas de Vico com a “cultura barroca” que são bastante problemáticas. Suas dívidas essenciais seriam “relativa às matérias, aos saberes, às disciplinas, às faculdades cognoscitivas” (NUZZO, 2009-2010, p. 55) pertencentes aos termos do “verossímil”, “imagem”, “metafórico”, “figural”, “sintético” e do “engenho” que seriam todos temas mais próximos da “cultura barroca”. No entanto, o procedimento de “conexão-implicação” que a capacidade de engenho pode proporcionar para o “verdadeiro” e “certo”, “filosofia” e “filologia”, “máximas” e “práticas”, entre outros, tem sua verdade conceitual muito distante da capacidade inventiva barroca.

Ao analisar o aspecto sobre a metáfora do “sangue” que deve alimentar todo o organismo do saber e da escritura da ciência nova, Nuzzo identifica nesse uso metafórico algumas características barrocas no texto (NUZZO, 2009-2010, p. 60-61). No entanto, o ponto central da teoria de Vico está mais próximo do termo “sementes do eterno verdadeiro”, que nada teria de barroco. A sentença é uma antiga figura estoica, aproveitada pelo aristotelismo, que é relacionada a uma conceituação da dinâmica da substância humana, ao longo de seu desenvolvimento, não sendo barroca.

Vico, portanto, também sofreu a influência e constituiu-se como parte do que veio a ser chamado de “cultura barroca”. Parte de seus estudiosos o leu como alguém que se relacionou com a cultura e a superou, outra parte o compreendeu como alguém que participou efetivamente dela. Nuzzo, por sua vez, identificou aspectos que o aproximam e o distanciam de tal “cultura”. Para além dos elementos do renascimento e do barroco, a ciência foi um tema em que Vico se empenhou muito. Nesse aspecto, é importante recordar um breve percurso das mudanças na ciência que ele teria vivenciado e que se dedicou a pesquisar, estudar e debater.

5. Vico e as mudanças na ciência de seu tempo

Vico também estabelece um diálogo com o conceito de ciência de seu tempo. As teorias de Galileu e de Descartes eram intensamente debatidas nos salões literários de Nápoles, dos quais fazia parte. Em suas orações inaugurais e nas suas primeiras obras, Vico aproxima-se da teoria de Galileu e Bacon e faz críticas ao pensamento cartesiano e a Port-Royal.

Vico viveu no tempo da consolidação da teoria moderna de ciência. Nesse período, segundo Rossi (2001, p. 29-44), as teorias sobre a física e a mecânica sofriram uma revolução radical em relação à teoria antiga.

A história da física, a partir das elaborações escolásticas tardias da teoria do *impetus* até as páginas cristalinas dos *Principia* de Newton, é a história de uma profunda revolução conceitual que leva a modificar em profundidade as noções não só de movimento, mas também de massa, peso, inércia, gravidade, força e aceleração. Trata-se, ao mesmo tempo, de um novo método e de uma nova concepção geral do universo físico. Trata-se, além disso, de novas formas de determinar as finalidades, os papéis e os objetivos do conhecimento da natureza. (ROSSI, 2001, p. 33).

Os modernos consideraram que as generalizações da física antiga haviam nascido de experiências cotidianas e foram lhes substituindo por abstrações que tinham como plano de fundo a sua matematização. A física da antiguidade estabelecia elo com uma cosmologia que dividia o cosmos em duas realidades distintas. A divisão entre um mundo celeste, perfeito, e um mundo terrestre, em movimento e mudança, também foi questionada pela ciência que começava a se consolidar no horizonte. Para a antiguidade, de um lado havia uma física e cosmologia para um mundo em movimento e, de outro, haveria uma astronomia matemática de algo que seria eterno e perfeito. Existia um “divórcio” entre tais áreas de conhecimento. “A astronomia era apresentada por Ptolomeu como campo de atividade para os matemáticos, não para os físicos” (ROSSI, 2001, p. 38).

Entre 1610 e 1710, foram discutidos, criticados ou rejeitados vários pressupostos físicos (ROSSI, 2001, p. 39). Predominou na física moderna a busca por reparar a diferença entre céu e terra. Tentou-se desfazer a convicção nos movimentos circulares perfeitos dos corpos celestes e derrubar o pressuposto da imobilidade e centralidade da Terra. Criticou-se a doutrina dos lugares naturais e sua relação com a crença na finitude

do universo. Como consequência da crítica à teoria de movimentos naturais e violentos, abandonou-se a necessidade de explicações sobre o estado de repouso de um corpo. Adotou-se a perspectiva de que era necessário explicar o movimento, estando este em sua forma natural ou sendo provocado por um motor que o produz e conserva. E, por fim, buscou-se reestabelecer a relação entre as hipóteses matemáticas com a astronomia e a física.

Adicionado a isso, o exemplo da introdução da *luneta* (ou telescópio) nas pesquisas científicas de Galileu, em 1609, é emblemático para o novo contexto da ciência moderna, que não mais desprezava os instrumentos confeccionados no ambiente mecânico. O uso de instrumentos passa a ser aceito no meio científico como fonte de conhecimento. “*Ver*, na ciência do nosso tempo, significa, quase que exclusivamente, *interpretar sinais gerados por instrumentos* [...] [Estes] implicavam na realidade o abandono de uma imagem milenar da ciência, isto é, implicavam o fim de uma distinção de essência entre o conhecer e o fazer” (ROSSI, 2001, p. 44, grifos do autor). A coincidência das artes mecânicas com as artes liberais foi também um dos pontos marcantes do contexto da nova ciência que se configurava na Europa (ROSSI, 1992, p. 79).

Outro aspecto do novo paradigma científico que vinha sendo gerado refere-se ao saber dos Humanistas. Para Rossi, não houve uma continuidade teórica entre a cultura dos Humanistas do século XV e os expoentes da Revolução Científica. Ele destaca as polêmicas de Bacon, Descartes e de outros em relação ao modelo de cultura proposto pelos Humanistas, a recusa do caráter exemplar que viria da cultura clássica, a teoria sobre a igualdade de intelecto e a visão não-antropocêntrica de mundo como elementos de ruptura da Revolução Científica com o Humanismo¹² (ROSSI, 1992, p. 45). Junto a isso, ainda se desenvolvia um processo de secularização das ciências que, apesar da presença de textos filosóficos e científicos que discutiam as Sagradas Escrituras e se referiam a Deus em meio às novas teorias, defendia que a “caridade” da ciência deveria se preocupar mais com o “bem” da espécie humana e produzir um saber de valor universal, afastando-se, deste modo, lenta e gradualmente da autoridade religiosa (ROSSI, 1992, p. 84-85).

Vico não estaria alheio a tais mudanças em seu tempo. No *De ratione* fez alguns apontamentos sobre a introdução de equipamentos mecânicos nas ciências, e em outras obras estabeleceu graus das ciências considerando a mecânica mais importante que a

¹² Sobre “O mito da continuidade” ver Rossi (1992, p.121-125).

física. Inclusive, em alguns textos, dialoga com a teoria de Galileu e de Bacon. Não obstante, ele também se preocupa com os processos da matematização da ciência e da desvalorização do senso comum, pois o *certum* é o conhecimento que preserva a humanidade. Além disso, ele está atento às mudanças que esse novo paradigma científico poderia causar até mesmo na educação dos jovens e sua manifesta ruptura com os estudos sobre a humanidade. No entanto, Rossi propôs uma leitura de que Vico teria acompanhado tais mudanças de forma limitada¹³.

Em 1695, aos 27 anos, Vico retorna a Nápoles depois de um período em que foi preletor em Vatolla. Em 1699, foi aprovado no concurso para a cadeira de retórica da Universidade de Nápoles. No mesmo ano, ele entrou na Academia Palatina, em que teve contato com as obras de Francis Bacon, um de seus quatro autores de referência. Entre 1709 e 1710 escreveu duas obras importantes: *De nostri temporis studiorum ratione* e *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda*¹⁴. O primeiro trabalho, resultante do seu sétimo discurso inaugural da Universidade de Nápoles, foi uma crítica aos modelos de ensino de seu tempo que privilegiavam uma formação racionalista. O segundo, por sua vez, discute abertamente a filosofia cartesiana e aponta para uma perspectiva que os estudos sobre Bacon haviam proporcionado ao autor. Durante sua vida adulta, Vico sempre participou de vários salões literários e científicos (PINTON, 1997, p. 129-133). A participação nesses salões permitiu-lhe experimentar um maior contato com a literatura científica de seu tempo nas academias napolitanas, como os estudos de Port-Royal.

Segundo Damiani (2000, p. 21-22), nessas academias se discutia o sistema cartesiano em propagação e Vico tenta demonstrar-lhe os limites. Vico criticou diretamente o modelo de educação e de ciência proposto pelos pensadores de Port-Royal confrontando-o com os modelos clássicos da *paideia* grega e da *humanitas* romana. “Frente ao otimismo dos novos métodos pedagógicos, Vico avalia, equilibradamente, as vantagens e inconvenientes de ambos os sistemas de estudos: o antigo e o moderno” (DAMIANI, 2000, p. 22). O modelo jansenista tinha relações diretas com o pensamento

¹³ Sobre a leitura que Rossi teria da relação de Vico com as mudanças nas ciências, Santos escreve: “Mondolfo e Rossi afirmam que Vico é estranho aos interesses da ciência experimental de Galileu e Bacon, e o reconhecimento que deles faz seria meramente formal. [...] A ideia de controle da natureza por meio da ciência experimental não teria sido compreendida por Vico. [...] Ao apontar o ‘cansaço’ da razão em todas as ciências, em pleno século das luzes, Vico pode ser taxado de retrógrado. No que concerne às ciências naturais, pode parecer que ele, todo absorto na contemplação do mundo do direito e da história, não tenha se interessado por aquelas disciplinas” (SANTOS, 2012, p. 171).

¹⁴ Abreviadas como *De ratione* e *De antiquissima*, respectivamente.

cartesiano e indicava um modelo de educação que desprezava a formação da criatividade e da imaginação, priorizando uma formação racionalista. Vico não despreza a formação racionalista, mas indica qual deve ser a ordem dos estudos dos jovens. Em primeiro lugar, deve-se estimular neles a criatividade e imaginação, para mais tarde apresentar-lhes os métodos racionalistas de investigação da verdade.

Vico discute nas seções III, VII e XI do *De ratione* a respeito de como a nova crítica criaria obstáculos para a formação da prudência, da fantasia, da memória, da eloquência e da jurisprudência dos jovens. Ao se valorizar um ensino que expulse todo o verossímil e senso comum como se fossem falsos, ocorreria que esse mesmo ensino bloquearia toda a criatividade e imaginação necessárias para o desenvolvimento da eloquência, da memória e da fantasia, além de que prejudicaria o desenvolvimento da jurisprudência, enquanto arte de unir pontos distantes através de um raciocínio agudo (VICO, 1998-A, seção III, p. 407-408). Daí resulta a preocupação de Vico sobre a ordem da formação dos jovens, que deveria primeiro se dedicar à formação da fantasia e da memória, para depois apresentar as regras do raciocínio crítico.

Vico percebeu que as mudanças no paradigma científico implicariam em consequências na formação dos jovens, podendo torna-lhes limitados. Principalmente no *De ratione*, ele se dedica a mostrar as vantagens e desvantagens dos modelos antigo e moderno de conhecimento e de educação. Na contramão da tendência que começa a se consolidar, ele defende uma formação que leve em conta os diversos aspectos da humanidade, como a ciência, a arte, a poesia, a prudência e a vida civil para que os jovens possam ter a autonomia de pensar por si mesmos, com adequada independência diante dos preceitos de seu mestre (VICO, 1998-A, p. 410).

Em relação ao iluminismo, Vico se afasta de suas tendências mais cartesianas, de acordo com Santos (2012, p. 157-178). A Nápoles de seu tempo viveu tendências de ecletismo¹⁵. Autores, como Badaloni, Mondolfo e Rossi, discordam entre si sobre as leituras que Vico fez das teorias sobre as ciências naturais, capitalizadas em Bacon e Galileu. Segundo Santos, Rossi reúne os estudiosos que consideram Vico como mais próximo dos aspectos ortodoxos do que dos heterodoxos de seu tempo, estando mais

¹⁵ Rossi (1987, p. xv-xvi) apresenta que muitos estudiosos consideraram a Nápoles de Vico eclética, mas de uma maneira depreciativa. Porém, ele destaca que estudos mais recentes perceberam que naquele ambiente coexistiam atitudes científicas e naturalistas, inspirações antissistemáticas e antiautoritárias, além de uma valorização dos experimentos e dos documentos nas pesquisas históricas convivendo com correntes jurídicas tradicionais. Tendências como o mecanicismo, o platonismo e as teorias de Galileu eram estudadas em conjunto.

atento às leituras do século XVII. Badaloni centraliza as discussões que tratam de um Vico predominantemente heterodoxo desde o *De antiquissima*, em que as teorias sobre o *conatus* e a *facultas* permitiriam um Vico mais próximo da teoria galileana na *Ciência Nova* (SANTOS, 2012, p. 171). Segundo Santos, Vico aponta para o "cansaço" da razão durante o período do Iluminismo, criticando o princípio de que a natureza pode ser dividida e reduzida a medidas abstratas de figura, peso e mecânica de movimentos. E, mesmo assim, Vico teria reconhecido o gênio da ciência experimental de Descartes, Newton, Leibniz e Galileu.

Vico elogia os benefícios que a filosofia experimental empresta à humanidade, assim como sua relação com a matemática nos experimentos, estando, esta, claramente, ligada a Galileu (SANTOS, 2012, p. 173). Aliás, parece compreender perfeitamente o experimentalismo proposto por Bacon e Galileu. Para Rossi, porém, a dificuldade de Vico pode estar na compreensão da diferença entre o método indutivo de Bacon e o método matemático-hipotético de Galileu (SANTOS, 2012, P. 172). Embora Vico tenha reconhecido a sua inaptidão para a matemática (VICO, 1998-B, p. 96), Santos apresenta os estudos de Levine, sobre quando Vico responde à questão da *Querela entre antigos e modernos*, que polemizou na França entre 1715-1716 acerca do lugar de Homero na cultura ocidental, para ilustrar um Vico atento ao seu tempo. Sobre o lugar de Vico na modernidade, Santos conclui que “em certas questões, Vico parece ortodoxo, em outras, heterodoxo; em certos temas, ligado ao século XVII, em outros, ao XVIII” (SANTOS, 2012, p. 176).

Nessa discussão sobre o lugar de Vico na tradição filosófica, Pons (2016-2017) adverte que o caráter precursor que lhe foi atribuído deve ser entendido mais como uma “coincidência” do que propriamente uma “influência” de Vico sobre os autores do século XVIII em diante. Para ele, Vico estaria atento a fratura definitiva entre uma tradição do pensamento “humanista” e a sedução das novas ciências da natureza, que corriam o risco de desumanizar a sociedade dos homens¹⁶. “Que esta fratura seja evitável é o que Vico queria provar ao fundar uma ciência ‘nova’, ou seja, ‘moderna’, aplicada a um objeto preciso, a saber, estas unidades sociais políticas e históricas que são as nações” (PONS, 2016-2017, p. 336). Vico percebeu a fratura que se constituía e propôs uma nova ciência que a evitasse. Boa parte daquilo que ele propôs em seus estudos foi, de certa forma, realizado por outros pensadores, entretanto, não há evidências que isso tenha se dado por

¹⁶ Sobre a ruptura cf. Rossi (1992, p. 45).

conta de sua influência, segundo Pons. A percepção que Vico teve dessa fratura entre o humanismo e as novas ciências da natureza, apontada por Pons, pode figurá-lo como alguém muito consciente de seu tempo.

Vico viveu em um contexto de múltiplas facetas, nos tempos do Iluminismo em que convergem as ideias de Galileu, Bacon, Descartes, Leibniz, Newton e as dos antigos filósofos gregos e romanos, sem contar os autores medievais e renascentistas. Em Nápoles, as principais tendências científicas europeias eram lidas e debatidas em uma grande quantidade de academias e salões literários que gozavam de uma relativa liberdade. Entretanto, também há registros de intervenções bastante duras da Santa Sé naquele contexto napolitano.

6. A Igreja, a inquisição e a Nápoles de Vico

No tempo de Vico, era comum os filósofos de Nápoles submeterem seus textos aos censores da Igreja para sua aprovação, como ele também o fez. Além disso, a sua formação inicial foi fortemente influenciada pelos jesuítas e ele manteve um bom relacionamento com eles durante toda a vida. Vico enviou sua obra principal ao cardeal Lorenzo Corsini (1652-1740), futuro papa Clemente XII, com a possibilidade de ser por ele financiada, se ela lhe fosse dedicada, mas o cardeal desistiu do patrocínio. Vico teve que diminuir drasticamente o tamanho de sua obra e penhorar uma joia familiar para custear sozinho as despesas de sua impressão (GUIDO, 2004, p. 46; VICO, 1998-B, p. 148). Mesmo assim, em 1730, ele dedicou a sua segunda edição à sua Santidade. O financiamento de intelectuais por parte do clero era uma das armas da Igreja no combate contra a Reforma Protestante e outros problemas que ela vinha enfrentando, como seu processo de fragmentação e o crescente movimento em direção à laicização. Em Nápoles, isso tornou ainda mais complexo o relacionamento entre os intelectuais e a Igreja, pois havia um conflito político entre a dominação espanhola e o poder de Roma (SCANDELLARI, 2008, p. 100).

Durante sua juventude, Vico se aproximou do epicurismo ao escrever o poema *Gli affeti di un disperato*. Pouco tempo depois, ele buscou desvincular sua reputação de tal concepção e sequer comentou a existência de tal poema em sua biografia. Essa tendência não era bem-vista em Nápoles, pois a Santa Sé a associava às tendências ateístas, bem como ao materialismo. Vico se afasta dessa tendência e a critica, mas mantém o seu relacionamento com a *Accademia degli Uniti*, com Giuseppe Valleta e com alguns

filósofos tidos como “ateístas”. Niccolò Caravita (1647-1717), tido como “protetor dos intelectuais” e expoente do ambiente anticurialista¹⁷, é uma das pessoas próximas a Vico.

Ele teve papel decisivo na sua conquista da cátedra de retórica, que lhe garantiu certa autonomia financeira e lhe possibilitou iniciar a sua família. Em sua obra *De antiquíssima* constam votos de estima e consideração aos advogados e matemáticos Giacinto de Cristoforo (1650-1725) e a Nicola Galizia (1663-1730), que haviam respondido a um processo da Inquisição por ateísmo, devido à sua adesão ao cartesianismo (GUIDO, 2004, p. 27-28)¹⁸. Segundo Guido, o processo do tribunal da inquisição ocorreu entre os anos de 1686 e 1693¹⁹ e os implicados foram condenados a alguns anos de prisão, escapando de uma pena mais severa por pertencerem à famílias prestigiadas.

Costa (2013) apresenta uma Nápoles de relações complexas entre a Santa Sé e os intelectuais. Primeiro, a Igreja, principalmente na Itália, ainda se recuperava dos conflitos com seus intelectuais e de sua imagem negativa resultante de suas ações no século XVI. Era uma situação delicada, pois ela não podia decretar uma guerra contra todos os intelectuais porque também pretendia receber deles a sua colaboração. Com isso, houve alguma liberdade na leitura de textos considerados perigosos à fé, porém, por outro lado também havia um certo cuidado dos intelectuais napolitanos em buscar refutar tais teorias perigosas em seus escritos. Em Nápoles, nesta época, surgiu uma enorme quantidade de salões literários e academias que discutiam teorias variadas de toda a Europa. Os censores tinham dificuldade em vigiar tudo que ali se discutia. Mesmo que houvessem teorias perigosas à fé sendo discutidas em tais grupos, possivelmente as pessoas receariam denunciá-las e serem também punidas, de alguma forma, por serem tidas como membro deles.

Além disso, a dominação espanhola também era um fator que complicava o exercício de poder da Igreja sobre uma Nápoles fragmentada. Segundo Scandellari:

¹⁷ O anticurialismo em Nápoles foi um movimento que se surgiu da fragmentação e disputa do poder entre Roma, Espanha e a aristocracia napolitana dividida. Havia um descontentamento com a forma de cobrança de impostos e as isenções da Igreja. Algumas pessoas próximas a Vico tiveram relação com o movimento.

¹⁸ Algumas décadas antes de Vico, na França, Descartes temeu as ações da Inquisição. Na sexta parte de seu *Discurso do método*, ele relata que desistiu de realizar a sua publicação sobre física por medo de que sua teoria fosse associada a uma opinião que fosse considerada nociva à religião ou ao Estado: “O que bastou para me obrigar a mudar a resolução que eu tomara de publicá-las” (DESCARTES, 1983, p. 62). Segundo Gaukroger (2011, p. 28), “Descartes suspendeu a publicação de *O mundo* e de *O tratado do homem* ao saber da condenação de Galileu e, assim, esses textos não apareceram durante sua vida”. Tais obras somente foram publicadas entre 1662 e 1664, postumamente.

¹⁹ De acordo com o estudo de Silva Neto (2015, p. 153, nota 22), o processo ocorreu entre 1688-1697, a partir da obra de OSBAT, L. *L'inquisizione a Napoli. Il processo agli ateisti. 1688-1697*.

Em Nápoles, desde a época do governo espanhol, no século XVII, houve uma “liquidação” do domínio real e o equilíbrio entre estatização e feudo rompeu-se favorecendo o segundo. O resultado desta política foi um fortalecimento dos barões encarregados da administração da justiça e do exercício de polícia em seus territórios e, conseqüentemente, do estado feudal. Juristas e advogados formavam parte de outro centro de poder na vida político-administrativa e constituíram um freio às pretensões e intromissões de Roma, defendendo as prerrogativas reais, contra as teses canonistas. (SCANDELLARI, 2008, p. 100).

Vico entregou a sua primeira edição da *Ciência nova*, 1725, ao teólogo Giovanni Rossi (1688-1750), procurador geral dos Teatinos e qualificador do *Index* do pontífice Benedicto XIII, para avaliação. Em 19 de outubro de 1729, ele afere uma censura devastadora à primeira edição da obra de Vico, em seus aspectos intelectual e religioso (COSTA, 2013, p. 44-45). Primeiro, ele considera a obra de Vico como obscura. Outro aspecto é o de que Vico teria defendido a religião cristã recorrendo a fábulas inconciliáveis com a Sagrada Escritura. Ainda outra implicação fora a de que a sua tese sobre o “andar entre feras” seria execrável, segundo o teólogo Rossi. Nessa tese, os homens teriam vivido sem conhecer Deus antes do fenômeno do raio. De acordo com a Bíblia, isso não havia acontecido. Noé viveu muito tempo depois do dilúvio, e seus filhos teriam transmitido a religião do verdadeiro Deus e a humanidade permaneceu unida até quando se construiu a Torre de Babel. Essa tese aproximava Vico das hipóteses dos pré-adamitas²⁰, e dentre eles principalmente de Isaac Le Peyrère, um calvinista que se converteu temporariamente ao catolicismo. No entanto, essa aproximação entre Vico e as teorias pré-adamitas se mostraria como problemática. Para afastar qualquer dúvida sobre sua conduta, Vico cita Le Peyrère na sua segunda edição da *Ciência nova* de forma bastante negativa.

A alusão a La Peyrère pode parecer demasiado negativa e apressada para confirmar a hipótese de uma relação La Peyrère-Vico. Mas é preciso ter presente que um autor obrigado a escrever sob as rédeas da censura eclesiástica não podia permitir-se ser demasiado explícito. As autorizações para ler os livros proibidos eram concedidas somente com o fim de refutá-los e as refutações não deviam causar escândalo às almas pias, oferecendo uma imagem muito precisa das teorias heréticas. Vico, que havia omitido o nome de La Peyrère na primeira edição da *Ciência*

²⁰ Sobre o perigo de uma ideia materialista e a tese de uma antiguidade pré-adâmica na teoria de Vico ver Santos (2012, p. 163-166) e Burke (1997, p. 77).

nova, o fez na segunda para defender-se da fama de ser seu seguidor. (COSTA, 2013, p. 45)

A Congregação do Índice recebeu a censura de Rossi, mas buscou outra avaliação, bloqueando a reimpressão da primeira edição. Ela foi avaliada por Fortunato Tamburini, contrário à censura eclesiástica e que, não tendo como negar as contradições do texto, afirmou que seria um livro medíocre e não mereceria consideração. Depois, o padre Tommasio Sergio examinou a sua obra, mas não se sabe qual foi o relato. No entanto, ele conseguiu publicar a sua segunda edição, em 1730, e manteve a teoria dos homens ferozes. Nela, os homens teriam se esquecido de Deus, tornando-se bestiais. Perturbados pelo raio, começaram a cultuar Júpiter. Tendo se esquecido da língua de Noé, passaram a criar novas línguas. Segundo Costa, essa teoria não agradaria Roma. Ele argumenta, que sua segunda edição provavelmente não foi censurada pelo papa Clemente XII, não somente porque seria uma obra dedicada a ele, mas também porque “o novo pontífice, horrorizado pela liberdade com que se debatia em Nápoles os argumentos relativos à religião, alimentava a esperança de aboli-la com o apoio do governo de Viena, e que somente as circunstâncias desfavoráveis tornaram impossível a realização de seu projeto” (COSTA, 2013, p. 47). Somado aos conflitos entre o poder secular e o religioso, a Nápoles de Vico também se encontrava em meio a uma disputa no seio da nobreza entre espanhóis, franceses e austríacos.

7. A conjura de Macchia e o domínio estrangeiro

A Nápoles de Vico viveu um período agitado no ambiente político. De acordo com Pinton (1997, p. 119), em 1656, Nápoles contava com cerca de 350.000 habitantes antes da peste, era uma das maiores cidades da Itália, e, sendo portuária, tinha fluxo intenso de navegantes e mercadorias de diferentes lugares. Na época de Vico, além de estar em recuperação dos prejuízos causados pela peste, Nápoles também sofria com as guerras e as disputas entre a nobreza espanhola, francesa e austríaca para dominar o seu território (GALLO, 2017, p. 116-143).

No século XVII, Nápoles estava sob o domínio do reino da Espanha. O rei Carlos II da Espanha (1661-1700) não tinha filhos e protelou muito para decidir quem seria seu sucessor. Com o agravamento da saúde do rei, surgiu, em Nápoles, uma polêmica antiespanhola que andava em direção à constituição de um Reino independente (GALLO,

2017, p. 119-120). Sob as mãos de dinastias estrangeiras, desde a divisão do Sul da Itália em dois reinos, o da Sicília e o de Nápoles, surgiu o desejo de independência. “A partir de então, o reino de Nápoles havia iniciado a sua longa e difícil história ‘autônoma’, entre guerras, conflitos de dinastias, lutas internas” (GALLO, 2017, p. 128). Em 1700, com a morte do rei Carlos II, iniciou-se a Guerra da Sucessão Espanhola e alguns nobres napolitanos tentaram desvencilhar-se do reino espanhol, criando um Estado autônomo e governado provisoriamente por um filho do imperador austríaco.

Em 1701, o episódio ficou conhecido como a Conjura de Macchia, liderado por Gaetano Gambacorta, príncipe de Macchia²¹. Com a morte do rei Carlos II, os conjurados não aceitaram a sucessão de Felipe Bourbon, neto de Luís XIV. Eles reivindicavam Carlos D’Asburgo, filho segundo do imperador Leopoldo I da Áustria. Os espanhóis agiram violentamente e reprimiram a conjura. Filipe V assumiu a ordem do reino (SCANDELLARI, 2008, p. 92). Em 1703, Vico escreveu *De partenopea conjuratione, IX Kal. Octobris 1701*, tratando da conjura e de seus participantes e condenando a relação filo-austríaca. No entanto, ele não a publica e essa obra permaneceu inédita até 1837, quando G. Ferrari a publica postumamente no quinto volume de *Opere*.

Em uma Nápoles politicamente fragmentada, sob domínio espanhol desde o século XVII, a aristocracia se dividia entre pretensões feudais e estatais. A Igreja tinha dificuldades em exercer plenamente o seu poder e conflitou com o domínio espanhol. Esse breve conflito permitiu que as academias tivessem alguma autonomia de leitura e discussão de teorias, mas não muita.

Alguns aristocratas napolitanos mantinham relações com a Áustria. Em 1707, o reino de Nápoles foi conquistado pelas tropas da armada austríaca de Carlos D’Asburgo (1685-1740), sem guerra. Em 1711, ele se converterá em rei Carlos VI. Durante um período de 10 anos, o reino esteve sob domínio ora espanhol ora francês e ora austríaco em meio a revoltas, confiscações, prisões, torturas e exílios. Em 1734, Carlos III de Bourbon (1716-1788), da Espanha, assumiu oficialmente o reino do Sul da Itália, das duas Sicílias, formando um reino “independente” de Madri, permanecendo no poder até o ano de 1759, quando assumiu o reino da Espanha. Inicialmente, experimentou alguns conflitos com o papa Clemente XII para que este pudesse reconhecê-lo como governante

²¹ Outros membros da aristocracia envolvidos na conjura foram: Francesco Spinelli, duque de Castelluccia, Tiberio Carafa, príncipe de Chiusano, Malizia Carafa, Bartolomeo Ceva-Grimaldi, duque de Telese, Giuseppe Capece, irmão Gerolamo, marquês de Rofrano, e Carlos di Sangro (GALLO, 2017, p. 128, nota 40).

de Nápoles, mas foi um problema que se resolveu. Seu filho Fernando IV (1751-1825) lhe sucedeu em Nápoles, embora ainda fosse menor. Ele foi tutelado por Bernardo Tanucci, ex-professor da Universidade de Pisa e secretário de justiça de Carlos III (SCANDELLARI, 2008, p. 100-103).

Vico manteve relação de amizade com vários intelectuais que tomaram posicionamentos políticos como o anticurialismo e que discutiram os problemas de sua cidade. O jurista Giuseppe Valletta²², assim como Paolo Mattia Doria²³, a quem Vico dedicou sua *De antiquissima*, e Pietro Giannone²⁴, entre outros, são exemplos de pessoas próximas a Vico e que estavam no centro das discussões intelectuais a respeito das questões políticas que envolviam o vice-reino.

As obras que Vico publicou durante a sua vida não dialogam abertamente com todos os conflitos de poder que vivenciou em sua cidade, mas, de alguma forma, eles estão presentes em sua teoria e impactaram diretamente nas suas orações inaugurais. A condenação que ele escreveu em 1703 contra a relação filo-austriaca da Conjura de Macchia só foi publicada em 1837, quase cem anos após a sua morte. Em 1707, estando Nápoles sob domínio austríaco, Vico produz as inscrições fúnebres para honrar a memória dos nobres executados pelos espanhóis durante a repressão da conjura de Macchia atendendo a ordem do comandante dos exércitos austríacos, Ph. L. Wierich von Daun (GARCÍA; BISBAL, 1998, p. 60). Na cerimônia de abertura dos estudos de 1708, Vico dedica a sua sétima oração inaugural ao rei austríaco Carlos de D'Asburgo, futuro Carlos VI, pronunciada na presença do vice-rei de Nápoles, o Cardeal Vincenzo Grimani (1655-1710) (VICO, 1998-B, p. 123). A partir do texto dessa sétima oração surge a sua primeira obra *De ratione*, em 1709.

²² Célebre jurista que recebia os intelectuais em sua casa, possuía uma grande biblioteca e escreveu *Considerazioni teologiche-politiche fatte a pro' degli Editti di S. M. Cattolica intorno alle rendite ecclesiastiche del Regno di Napoli* (1708-1709) e *Memorie di un anticurialista del Settecento* (escrito provavelmente entre 1734-1735) (SCANDELLARI, 2008, p. 100).

²³ Genovês que partilhava de uma visão filosófica neoplatônica, porém foi mais dedicado à análise dos sistemas políticos e das formas de governo do que Vico. Publicou *Vita civile* (1709), *L'educazione del principe* (1709). A obra *Massime del governo spagnolo a Napoli* ficou apenas em manuscrito. O príncipe de Anagni tentou publicar postumamente o seu ensaio *Idea di una perfetta Repubblica*, concluído em 1741, mas a obra foi condenada à fogueira pela Inquisição em 1753. Em *Massime*, Doria fez um balanço negativo do domínio espanhol, que dividia Nápoles para poder governá-la, empobreceu o reino com sua equivocada política comercial, penalizando as exportações, e impusera um regime fiscal sufocante que prejudicou o artesanato e as atividades produtivas. Cf. Scandellari (2008, p. 92; 99; 101-102) e Gallo (2017, p. 131).

²⁴ “[...] sócio da *Accademia de Medinacoeli* (onde conheceu Vico), elaborou sua *Istoria civile del Regno di Napoli* (1723); por seu racionalismo aplicado à religião, foi perseguido e morreu no cárcere. Giannone centrou suas investigações nas relações entre o poder laico e eclesiástico, confiando à legislação a tarefa de assegurar a paz e a tranquilidade nos Estados” (SCANDELLARI, 2008, p. 99).

Em 1716, Vico publicou *De rebus gestis Antonii Caraphaei*. O texto havia sido encomendado pela família Carafa, ligada a Conjura, em meio às disputas de poder. O trabalho lhe rendeu mil escudos, o que permitiu dar um dote à sua filha Luisa, enquanto que seu salário era de apenas cem escudos anuais (PINTON, 1997, p. 127). Entre 1720 e 1722, Vico escreve seus textos que tratam sobre o direito e que comporiam a obra *Diritto Universale*. A sua obra principal de 1725 trata das questões dos conflitos e disputas dos grupos no desenvolvimento das nações e dos riscos de se cair em uma barbárie, mesmo em uma sociedade de refinamento intelectual e cultural, tendo considerado o feudalismo uma barbárie. A sua terceira oração inaugural, que ele relata em sua biografia ter acontecido em 1701, provavelmente ocorreu no ano seguinte, por causa da Conjura de Macchia (VICO, 1998-B, p. 118).

Na sua relação com os espanhóis, ele obteve alguns favores do rei Carlos III. Em 1734, período da posse do rei Carlos de Borboun, Vico dedicou-lhe um soneto e solicitou ser nomeado como historiador real. O pedido foi atendido em 1737 e isso dobrou o seu salário. Em 1738, Vico teve a honra de redigir a oração de bodas entre o rei Carlos III e Maria Amalia de Valburgo. No ano de 1740, Vico pediu ao rei espanhol que favorecesse o seu filho Gennaro ao lhe suceder na cátedra de retórica. Seu filho tinha 25 anos. O rei atendeu ao seu pedido.

8. Considerações finais

O período que Vico viveu em Nápoles foi repleto de disputas de poder, de muita divisão de interesses e de conflitos que envolviam intelectuais, aristocratas e religiosos. Ele mesmo se encontrava na situação de atender às solicitações ora austríacas ora espanhola, sendo esta mais próxima da nobreza francesa. Fernando IV, sucessor e filho do rei Carlos III, teve muitos problemas para manter Nápoles sob o seu domínio. Isso se deu porque crescia, na época de Vico, um intenso desejo pela autonomia política que conflitava com os interesses feudais de alguns aristocratas. De alguma forma, é muito provável que toda essa disputa de poder exigiu muitas reflexões de Vico e impactaram seus escritos.

No entanto, tentamos apenas traçar um amplo e geral aspecto desses conflitos. Mesmo assim, é importante descrever essa situação pelo motivo de apresentar como foi complexa a convergência entre as academias, a Igreja em Nápoles, a fragmentação e a dinâmica política, com a alguma autonomia que os intelectuais napolitanos tinham para

elaborar as suas teorias sobre ciência e política, por exemplo. É possível que a obscuridade atribuída aos textos de Vico tenha alguma relação com esse contexto, pois, nesse tempo, ser muito claro em temas delicados seria arriscar a própria sorte e a de sua família. Abordamos apenas alguns tópicos considerados mais importantes para compreender melhor o contexto cultural, intelectual, religioso e político de Vico.

Vico escrevia em meio ao “estrépito de seus filhos” em uma residência modesta, por conta de sua condição financeira, e isso lhe era uma dificuldade enquanto “lia, escrevia ou meditava” (VICO, 1998-B, p. 133; 144). Além disso, ele também escrevia em meio a outros dois sérios problemas: entre o risco de ser condenado pela Inquisição; e entre a aristocracia e a nobreza espanhola, francesa, austríaca em um momento de intensa disputa de poder na qual resultou em prisões, tortura e exílio de algumas pessoas. A partir desse contexto, podemos considerar que, ao mesmo tempo em que Vico foi afetado pelas intensas mudanças de sua Nápoles, ele também escrevia a sua filosofia sobre a dinâmica da história das nações.

Referências

- BADALONI, N. **Introduzione a Vico di Nicola Badaloni**. Roma: Laterza, 2008.
- BERLIN, I. Uno de los más audaces innovadores em la historia del pensamiento humano. Trad. Enrique Bocardo Crespo. **Cuadernos sobre Vico**, Sevilla – España, n. 9/10, p. 11-22, 1998.
- BURKE, P. **Vico**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.
- COSTA, G. Vico y la Sagrada Escritura a la luz de un fascículo de la inquisición. Trad. Jéssica Sánchez Espillaque. **Cuadernos sobre Vico**, Sevilla – España, n. 27, p. 35-49, 2013.
- DAMIANI, A. M. **Giambattista Vico: la ciencia anticartesiana**. Buenos Aires: Almagesto, 2000.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 25-71.
- GALLO, F. F. Tra francesi, spagnoli e austriaci. Uso della storia e lotta politica a Napoli (1680-1707). **Megallánica, revista de Historia Moderna**, Mar del Plata – Argentina, n. 3/6, p. 116-143, 2017.
- GARCÍA, M. G.; BISBAL, J. M. **Autobiografía de Giambattista Vico**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1998.
- GAUKROGER, S. Vida e obra. In: BROUGHTON, J.; CARRIERO, J. (orgs.). **Descartes**. trad. Ethel Rocha; Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011. cap. 1, p. 20 – 32.
- GUIDO, H. **Giambattista Vico: a filosofia e a educação da humanidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOMONACO, F. Vico e a metafísica de 1710. Trad. Sertório de Amorim e Silva Neto. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório de Amorim (orgs.). **Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico**. Uberlândia: Edufu, 2018. p. 183 – 211.

- MARIAS, J. **História da filosofia**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NUZZO, E. Bruno, Vico y el barroco. Trad. María Lida Mollo. **Cuadernos sobre Vico**, Sevilla – España, n. 23/24, p. 43 – 64, 2009-2010.
- PEREIRA FILHO, A. J. O discurso e o método: Vico leitor de Descartes e a Autobiografia. In: GUIDO, H.; SEVILLA, J. M.; SILVA NETO, S. A. (Orgs.) **Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU, 2012. p. 179-202.
- PINTON, G. A. La Nápoles de Vico. Trad. Enrique Bocardo. **Cuadernos sobre Vico**, Sevilla – España, n. 7/8, p. 115-139, 1997.
- PONS, A. Vico en su tiempo y en el nuestro. Trad. María Fernanda Pérez Alors. **Cuadernos sobre Vico**, Sevilla – España, n. 30/31, p. 335-338, 2016-2017.
- ROSSI, P. **Il pensiero di Giambattista Vico: una antologia dagli scritti**. Turim: Loescher, 1987.
- ROSSI, P. **A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- ROSSI, P. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Trad. Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 2001.
- SANTOS, V. C. A propósito do lugar de Vico na modernidade. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório de A. e. (Orgs.) **Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU, 2012. p. 157-178.
- SCANDELLARI, S. El settecento italiano: del reformismo a la Republica. **Cuadernos de Historia Moderna**, Madrid, Anejo VII, p. 91-114, 2008.
- SILVA NETO, S. A. Vico e a fundamentação antropológica da Metafísica. In: GUIDO, H.; SEVILLA, J. M.; SILVA NETO, S. A. (Orgs.) **Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU, 2012. p. 203-224.
- SILVA NETO, S. A. Atomismo e metafísica notas sobre o cartesianismo na Nápoles de Vico. **Educação e filosofia**, Uberlândia, v. 29, n. especial, p.147-167, 2015.
- SILVA NETO, S. A. Apresentação das traduções sobre a índole poética de Dante e Gherardo Degli Angioli. **Cadernos de ética e filosofia política**, São Paulo, n. 28, p. 178-192, 2016.
- VICO, G. Del método de estudios de nuestro tiempo. (1709) Trad Francisco J. Navarro Gómez. **Cuadernos sobre Vico**, Sevilla – España, n. 9/10, 1998-A.
- VICO, G. Vita. (1728) in GARCIA, Moisés González; BISBAL, Josep Martínez. **Autobiografía de Giambattista Vico**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1998-B.
- VICO, G. La antiquíssima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina. (1710) Trad. Francisco J. Navarro Gómez. **Cuadernos sobre Vico**, Sevilla – España, n. 11-12, 1999-2000.
- VICO, G. **Princípios de ciência nova: acerca da natureza comum das nações**. (1744) Trad. Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

Recebido em: 29/08/22

Aprovado em: 10/04/23